

AS GRANDES
QUESTÕES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Galimberti, Umberto

As grandes questões : filosofia para mentes jovens / Umberto Galimberti, Luca Mori; ilustrações de Cristina Damiani ; tradução de Darlei Zanon. – São Paulo: Paulus, 2025.

ISBN 978-85-349-5980-3

Título original: Le grandi domande: filosofia per giovani menti

1. Filosofia 2. Jovens – Filosofia I. Título II. Mori, Luca III. Zanon, Darlei

25-5589

CDD 100

Índice para catálogo sistemático:

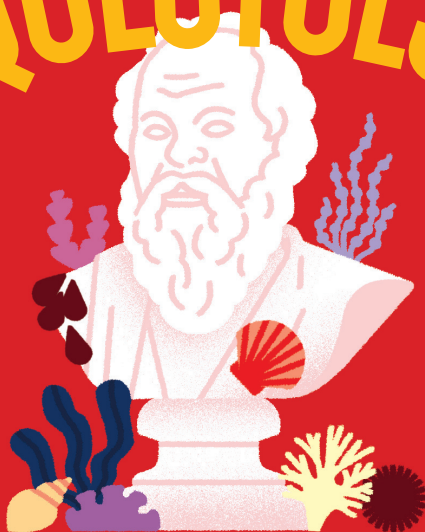
1. Filosofia

**Umberto
Galimberti**

Luca Mori

Tradução: Darlei Zanon

AS GRANDES
QUESTÕES



FILOSOFIA PARA MENTES JOVENS



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Le grandi domande. Filosofia per giovani menti*

© 2024 Dalcò Edizioni S.r.l., 2024

Via Mazzini, n. 6 - 43121 - Parma

www.dalcoedizioni.it

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigebber

Coordenação editorial

Christiane Angelotti

Organização

Umberto Galimberti

Textos

Luca Mori

Revisão

Tiago José Risi Leme

Luiz Henrique Ribeiro Lima

Lucas Lopes Giron

Ilustrações

Cristina Damiani

Projeto gráfico

Cristiana Mistrali

Design

Alicia de Sousa Camelo

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo **PAULUS**
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5980-3



ÍNDICE

Convidamos crianças e adolescentes a pensar

<i>Umberto Galimberti</i>	9
1. O que significa filosofar?	10
2. Questionar é uma característica típica da condição humana	11
3. A radicalização da questão	12
4. A verdade não é uma coisa a ser transmitida, pois já habita em cada um de nós	13
5. O diálogo socrático	14
6. Para filosofar, é preciso ser amigo e estar aberto à tolerância	17
7. Para filosofar, é preciso treinar o exercício da crítica	18
8. E se a verdadeira função da escola fosse precisamente "educar para filosofar"?	19
9. "O amor é filósofo"	23
O que você vê é real?	27
Você sabe quando parar?	31
Você conhece a si mesmo?	35
Tudo se transforma?	39
Nós somos bons ou maus?	43
O que é a beleza?	47
Como nos tornamos sábios?	51
O que é a felicidade?	55
Como você imagina a cidade ideal?	59
De onde vêm todas as coisas?	63



O que há depois da morte?	67
Deus existe?	71
O que é o tempo?	75
Você se sente livre?	79
Para que serve a política?	83
Você realmente sabe o que quer?	87
Por que existem as modas?	91
Como nasce uma sociedade?	95
O que nos diferencia dos animais?	99
Por que nos apaixonamos?	103
Como nasce a arte?	107
A alma existe?	111
Como nasceu a linguagem?	115
Por que existem as guerras?	119
Por que nos emocionamos?	123
Há perguntas impossíveis de se responder?	127
Por que não somos sempre racionais?	131
A natureza é regulada por leis matemáticas?	135
Os fins justificam os meios?	139
O futuro será melhor que o passado?	143
Podemos controlar as emoções?	147
Podemos controlar a nossa vida?	151
Devemos acreditar sempre na ciência?	155
Podemos separar mente e corpo?	159

Qual é a maior invenção da história?	163
O universo é infinito?.....	167
O que é a maravilha?.....	171
Precisamos duvidar de tudo?	175
Qual é o benefício de se ter um método?	179
O que é a simpatia?	183
É melhor ser ou parecer?	187
Qual é a melhor forma de governo?.....	191
De onde nascem as emoções?	195
De onde vêm os pensamentos?	199
Quais são os direitos humanos universais?	203
Por que as coisas têm um preço?.....	207
Você sabe tudo sobre si mesmo?	211
A tecnologia nos transforma?.....	215
Para que serve a lógica?	219
Quem somos realmente?	223
Os autores	227





CONVIDAMOS CRIANÇAS E ADOLESCENTES A PENSAR

UMBERTO GALIMBERTI

“Se você encontrou uma resposta para todas as suas perguntas,
significa que as perguntas que você fez não eram as corretas.”

Oscar Wilde, em *O crítico como artista* (1890)

Em 2019, a editora italiana Feltrinelli publicou *Por quê? 100 histórias de filósofos para crianças curiosas*, um livro que apresenta as teorias filosóficas dos pensadores que caracterizaram o modo de pensar do Ocidente.

O objetivo deste novo livro que você tem em mãos, ao contrário, é convidar crianças e adolescentes a pensar, porque se há uma característica constitutiva do nosso tempo é precisamente a ausência do pensamento, sepultado pela opinião comum, pelo ouvir dizer, pelo conformismo às próprias convicções, pela confiança cega nas próprias persuasões religiosas ou na ciência que, como nos lembra Heidegger, “não pensa” porque simplesmente “calcula”.¹

Acreditamos que este convite é necessário porque as crianças, desde muito pequenas, fazem perguntas que poderíamos definir certamente como filosóficas. São questões que qualquer pessoa que tenha convivido com crianças escutou, e às quais não conseguiu responder.

São questões do tipo: “Eu acho que Deus não existe, porque ele não tem uma mãe”. Aqui a criança busca o princípio da causalidade,

¹ M. Heidegger. *Was heisst Denken?* (1954), tr. it. *Che cosa significa pensare?* Milão: Sugarco, 1978, p. 41.

que a ajuda a se orientar no mundo e evitar a angústia do imprevisível. Ou então: "Por que a Lua não cai?", uma pergunta que poderia oferecer a oportunidade de explicar à criança que a Terra não está no centro do universo, como se acreditou por muito tempo. "Por que eu sou branco e meu colega é negro?" é uma pergunta que deixa evidente que não basta responder: "Porque seu colega é afrodescendente".

Para chegar ao nível de tais perguntas, é preciso aprender e ensinar a *filosofar*.

1. O que significa filosofar?

"O que significa filosofar" é uma expressão de Karl Jaspers,² segundo a qual a filosofia não é apenas o conhecimento de um saber, mas uma prática de pensamento que deveria nos acompanhar ao longo de nossa vida e que, por isso, deveria ser ensinada às crianças desde os primeiros anos da escola para que possam construir seus próprios pensamentos, uma capacidade de autocrítica, uma tolerância às ideias dos outros que são diferentes das suas. Mas para isso é necessário não tanto *conhecer filosofia* quanto *fazer filosofia*.

E é justamente esse o objetivo do presente livro, com suas cinquenta questões: "Você conhece a si mesmo?", "O que é a beleza?", "Como você imagina a cidade ideal?", "Por que nos apaixonamos?", "A alma existe?", "Podemos controlar as emoções?", "Qual é o sentido de ter um método?", "De onde vêm os pensamentos?", "Para que serve a lógica?" e assim por diante.

Perguntar e responder é "fazer filosofia", principalmente se não tivermos pressa em encontrar a resposta, pois é muito mais importante formular a questão de modo que não contenha contradições, premissas sem fundamentos, conclusões precipitadas e não justificadas pela argumentação.

² K. Jaspers. *Philosophie* (1932-1956), tr. it. *Filosofia*. Turim: Utet, 1978, p. 167-173.

As respostas não são dadas pela filosofia, mas você as deve encontrar. E nessa busca você está *fazendo* filosofia.

2. Questionar é uma característica típica da condição humana

Se filosofar significa questionar, filosofar é o traço típico da condição humana porque, diferentemente do animal – que, codificado pelo instinto, passa sua existência na mais absoluta ausência de problematidade –, o ser humano, desprovido de instintos porque é determinado apenas por impulsos orientados a metas indeterminadas,³ precisa encontrar soluções para os problemas de sua existência para poder viver.

Houve um tempo – que de certa forma ainda perdura – em que o ser humano esperava da divindade, a quem atribuía a prerrogativa da onisciência, normas, regras, preceitos e mandamentos que dessem um perímetro à sua vida e o tirassem daquela condição angustiante que é o imprevisível.

Mas nem mesmo Deus, em sua infinita onisciência, tinha respostas adequadas às questões humanas relativas à dor da alma e aos males da terra. Foi assim que a palavra *mistério*, com a qual as religiões envolvem o silêncio de Deus, foi devolvida aos homens para que não faltasse à sua função – que não é a de se contentar com respostas pacificadoras, mas adentrar naquele caminho que é o questionamento infinito.

As questões presentes neste livro, que são as mais frequentes no diálogo com as crianças e jovens, não fornecem um manual para os problemas da vida, porque Luca Mori, que as escreveu de forma magistral, sabe que a beleza da vida reside precisamente na sua inescrutabilidade, encontra-se no jogo indicado pelos seus enigmas que não permitem soluções fáceis.

As considerações que acompanham as questões não se baseiam em palavras inúteis de conforto ou consolação, destinadas a reduzir

³ U. Galimberti. *Psiche e techne. O homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.

a inquietação que sempre acompanha um problema não resolvido. Normalmente, os problemas são enigmáticos porque são observados de um ponto de vista que não leva em conta os outros possíveis, os quais, ao serem evocados, poderiam reduzir o drama do questionamento que parece não ter solução. Assim, os problemas resultam apenas porque nosso olhar está fixo e imóvel, e nossa capacidade de ouvir está entorpecida ao ponto da surdez.

Dizia Ésquilo que “só o verdadeiro conhecimento tem poder sobre a dor”.⁴ Portanto, em vez de consolar a dor, por que não ampliar o horizonte do saber, muitas vezes enclausurado na miopia do olhar que permanece focado inutilmente sobre o que aflige, sem sobressair, não sobre a figura da esperança que é uma figura de passividade, mas no amplo espaço que se expande ao redor da dor, a qual em algum lugar pode esconder uma reserva de sentido que, se não for encontrada, não permite que a dor se “dialetize” com todos os possíveis recursos de vida?

3. A radicalização da questão

É por essa razão que as questões apresentadas neste livro são discutidas de forma um tanto inusitada, que não é aquela de simplesmente responder à questão, mas radicalizá-la, indo o mais fundo possível, onde se aninha o enraizamento. Esse modo de proceder pode às vezes parecer irritante, às vezes difícil, às vezes decepcionante, mas é melhor decepcionar a expectativa de uma resposta imediata que esterilizar uma questão, empobrecê-la, não mantê-la à altura daquilo que ela exige.

Por isso, na discussão aberta pelas questões, foi escolhida a fórmula que não prevê respostas fáceis, mas sim a radicalização das questões. E isso em homenagem ao uso da razão, a qual, mesmo que seja – como quer

⁴ Eschilo. *Agamennone*, in *Tragedie e frammenti*. Turim: Utet, 1987, v. 177-178.

a imagem de Kant – “uma ilha muito pequena no oceano do irracional”⁵, é sempre a prerrogativa específica do humano, que não pode impedir seu questionamento infinito no pântano do óbvio, tão massivamente distribuído pela mídia e pelas redes sociais, a fim de que os seres humanos não se interroguem demais e, como ovelhas bem alinhadas, sigam sem tropeçar pelos caminhos bem definidos que outros traçaram para eles.

Por essa razão, não são dados conselhos gratuitos nem são indicadas vias de fuga fáceis, porque queremos incutir nos jovens leitores que normalmente uma questão se torna dolorosa e um problema se torna incômodo quando o horizonte dentro do qual é discutida tem um perímetro muito estreito e limitado.

Precisamos, portanto, alargar nossos horizontes, expandi-los até o infinito, para que cada um possa perceber que só a estreiteza do próprio ponto de vista, nunca questionado, não permite encontrar a solução.

É necessário ter confiança nas próprias capacidades e lealdade à condição humana, que, diferentemente do animal, consiste apenas naquela tarefa infinita de questionar, de problematizar o existente, de não adormecer naqueles sonhos tranquilos daqueles que acreditam que a vida deve ser “sem pensamentos”, quando na verdade o ser humano é um produto de lutas íntimas e sociais, cuja solução provisória deve ser buscada no diálogo infinito com os outros, capaz de ampliar a própria visão de mundo, cuja angústia é a verdadeira causa do agravamento da dor na insolubilidade dos problemas.

4. A verdade não é uma coisa a ser transmitida, pois já habita em cada um de nós

O método aqui adotado para fazer filosofia é o da *douta ignorância* (douta porque consciente) sobre a qual Sócrates fala em relação à

⁵ I. Kant. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* In: “Berlinische Monatsschrift”, vol. IV, dezembro 1784, p. 481-494, tr. it. *Risposta alla domanda: Che cos'è l'illuminismo?* In: A. Tagliapietra (org.). *Che cos'è l'illuminismo? I testi e la genealogia del concetto*. Milão: Bruno Mondadori, 1997, p. 34.

filosofia, que, desde o seu nascimento, diferentemente da religião, não é autoritária. Ela não diz: “Eu possuo a verdade e você deve aprendê-la”, pois está convencida de que a verdade, ainda que inacabada, imperfeita e misturada a muitos erros, habita em cada ser humano. E “mestre” não é aquele que transmite a verdade, mas quem ajuda as pessoas a saírem da confusão de suas próprias opiniões, mesmo que contraste com as ideias mais difundidas e por todos compartilhadas.

A verdade, diz Sócrates, habita de fato em nós como a estátua de Glauco, que, extraída do mar, “não nos permite discernir sua forma primitiva, porque de seus membros originais alguns foram destruídos, outros estão desgastados ou completamente deformados devido ao efeito das ondas. Incrustações, conchas, algas e pedras foram se juntando a eles, por isso Glauco se assemelha a qualquer outra figura e não mais a si mesmo”.⁶

A tarefa à qual o filósofo se propõe é libertar a verdade, que habita em cada um de nós, de todas as incrustações que se acumularam como resultado de nossas opiniões infundadas, nossos preconceitos, nossas intuições, nossas paixões que tornam irreconhecível a verdade que habita em nós.

Por isso, diz Sócrates, a verdade *não é ensinada*, mas *descoberta* com a ajuda do mestre, cuja tarefa é semelhante à da parteira que ajuda as mulheres a dar à luz. Da mesma forma, Sócrates, que afirma não saber nada, não transmite uma verdade já estabelecida, mas ajuda seus discípulos a dar à luz a verdade que guardam secretamente e muitas vezes sem saber, libertando-a de todas aquelas incrustações que ao longo do tempo se acumularam até se tornarem irreconhecíveis.

5. O diálogo socrático

Quando Sócrates foi questionado sobre o que ensinava, ele respondeu que não ensinava nada por ser ignorante, mas ajudava aqueles que

⁶ Platão. *A república*, Livro X, 611d.

achavam que sabiam algo a *fundamentar* suas opiniões em argumentos sólidos para que pudessem se sustentar por si mesmos, e não pela autoridade de quem as enunciava, pela fé em crenças infundadas, pela adesão a falsos silogismos com os quais os sofistas persuadiam as multidões devido ao impacto emocional que as palavras dos retóricos despertavam, através da sugestão dos afetos.

E ele chamou o conhecimento alcançado com este método filosófico de *episteme*, palavra grega que traduzimos como “ciência”, mas que literalmente significa “aquilo que se sustenta por si só”, porque repousa sobre uma base sólida bem estruturada e argumentada. Mas como alcançamos essa base sólida? Com o *diálogo*, diz Sócrates.

A palavra diálogo não é, como muitas vezes se acredita, uma palavra tranquila. Como todas as palavras que começam com “dia-”, compreende a máxima distância entre os dois interlocutores, pois o *diâmetro* marca a máxima distância entre dois pontos da circunferência, como o *diabo* assinala a máxima distância de Deus. Não dialogamos com aqueles que têm as mesmas ideias que nós, dialogamos com aqueles que pensam diferente de nós; e não para vencê-los em disputa, como acontece frequentemente nos debates aos quais assistimos, mas para alcançarmos juntos aquela verdade que Heráclito chamava de *logos*, que é alcançada por meio da “guerra” (*pólemos*, em grego) em que consiste o diálogo.⁷ Uma guerra combatida não com armas, mas com argumentos.

Reunindo seus discípulos, Sócrates perguntava a cada um deles o que pensavam sobre o tema escolhido, que poderia ser a justiça, a verdade, a beleza, o governo da cidade e assim por diante. Dialogando, os discípulos davam suas opiniões. O confronto não consistia em superar o outro, apresentando argumentos para derrotar o adversário, pois essa forma de proceder não é *filosófica*, mas *erística*. Erística (do grego *erízein*) significa buscar a vitória lutando com as palavras, em que não é interessante

⁷ Eraclito, fr. B 80, in H. Diels, W. Kranz. *Die Fragmente der Vorsokratiker* (1966), tr. it. *I presocratici. Testimonianze e frammenti*. Roma-Bari: Laterza, 1983, vol. I.